

**CASA GRANDE & SENZALA EM QUADRINHOS:
O REVISIONISMO DA ESCRAVIDÃO NO CONTEXTO
ILUSTRATIVO**

Fabiano Badú de Souza - UFCG
Thaisy Lanny de Albuquerque - UFCG
Marcos Roberto Caporicci - UFCG
Roberval S. Santiago (Orientador)

Resumo

Este trabalho tem por objetivo promover uma leitura crítica em relação ao contexto ilustrativo presente no livro Casa-Grande e Senzala em Quadrinhos, no qual é evidenciada uma interpretação pejorativa e depreciativa da representação dos afro-descendentes e indígenas no processo de colonização do Brasil. A obra, que se “propunha originalmente” a remeter-se ao debate proposto por Gilberto Freyre acerca da formação da sociedade brasileira, foi idealizada sob o advento da Lei 10639/03 e personificada através do formato infanto-juvenil. Nesse sentido, propomos afirmar que a obra se mostra através de uma ótica revisionista, indicando uma tentativa de "reescrever" a História das populações ameríndias e afro-brasileiras através da diminuição da sua importância ou, simplesmente, ignorando determinados fatos e agentes históricos. Através das ilustrações, buscamos perceber que as relações instituídas pelas imagens, consistem em um elemento reforçador e catalisador dos estereótipos construídos historicamente pela sociedade colonial e pela historiografia tradicional.

Palavras-chave: Representação, Afro-brasileiros, Indígenas, revisionismo, estereótipos

A Casa grande, a Senzala e o Revisionismo:

Em busca da identidade brasileira

No contexto etimológico dos signos lingüísticos, várias são as acepções nas quais o termo revisionismo é empregado, a exemplo de algumas leituras marxistas ou dispersas “ideologias” políticas. No entanto, o seu significado prático de maior abrangência e repercussão na contemporaneidade, seja nas ciências humanas ou sociais, remetem diretamente as noções de compreender a sua associação a um sentido pejorativo, indicando uma tentativa de "reescrever" a História de populações ou agentes históricos através da diminuição da sua importância ou, simplesmente, por ignorar determinados fatos. Tal associação pejorativa direcionada aos indivíduos historicamente construídos pelo saber ocidental também respondem pela alcunha de *negacionismo*.

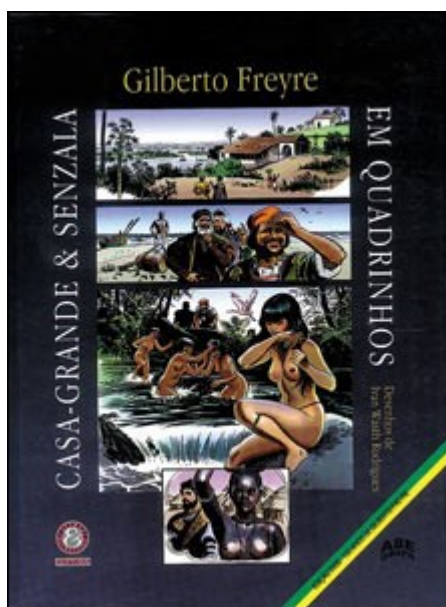
Essa tentativa de redimensionar fatos históricos através de “narrativas carregadas de intencionalidades” construídas pela historiografia tradicional em relação às etnias negra e ameríndia, ou até mesmo por intermédio de discursos político-ideológicos infundados, vem ganhando imensa repercussão no cenário internacional pelo seu teor atravancado no que diz respeito a assumirem um papel reforçador dos estereótipos e proliferador das noções revisionistas. Tomemos como exemplo:

Quando o francês Jean Marie Le Pen, presidente do Front National (o mesmo que desbancou o candidato do Partido Socialista, Lionel Jospin, nas eleições presidenciais de 2002, obrigando os franceses a votar massivamente em Jacques Chirac para evitar que a França fosse governada pela extrema direita) declarou em 07 de janeiro de 2005, que "na França, pelo menos, a ocupação alemã não foi particularmente desumana, mesmo que tenha havido abusos", iniciou uma onda de protestos no seu próprio país e no mundo, que o forçou a se retratar posteriormente. A retratação se deu menos por uma revisão de suas convicções pessoais que pelo risco de ser enquadrado no crime de revisionismo, previsto na Loi Gassot, lei de 1990 que, entre outras medidas destinadas a coibir a discriminação racial, qualifica como delito e pune com sanções penais toda "negação de crimes contra a humanidade".

Protestos nas ruas, mobilização social (com direito a quebra-quebra e vaias ao então Primeiro Ministro, Nicolas Sarkozy) forçaram igualmente um recuo do Conselho Constitucional francês, quando, ao modificar a proposta original da deputada guadalupense Christiane Taubira, fez referência ao "papel positivo desenvolvido pela colonização". Embora não equiparado juridicamente ao revisionismo, as conseqüências políticas desta tese para o governo foram as mesmas que as assumidas pelo opositor de extrema direita Le Pen. (www.adital.org.br)

Entendendo nesse sentido que o revisionismo consiste em uma prática criminosa em algumas realidades nacionais no contexto europeu, imaginemos de modo hipotético, qual seria a reação dos franceses ao se depararem com a publicação de livros infantis nos quais fossem representados campos de concentração nazistas, onde se apresentassem as mesmas linguagens revisionistas, mas de forma decodificada visando a fácil assimilação do público infantil, “informando”, por exemplo, que a magreza esquelética dos judeus consistia na verdade em uma importante etapa de uma rigorosa dieta visando unicamente livra-los de um futuro estágio de obesidade mórbida. Ou ainda se esses livros fossem direcionados a nação nipônica (em formato mangá) afirmando que os episódios referentes a Hiroshima e Nagasaki, na verdade não passaram de meros fogos de artifício, ou mesmo se tal literatura fosse produzida em larga escala e distribuída de forma maciça nas escolas com o financiamento e o apoio do estado? Certamente as conseqüências políticas e sociais de tal iniciativa seriam irreversíveis e extremamente conflituosas.

No Ano de 2005 vivemos no Brasil situação análoga as hipóteses surreais e alegóricas propostas anteriormente. Em ocasião de ser 2005 o Ano da Promoção da Igualdade Racial, a Editora Globo, após unir forças com a Fundação Gilberto Freyre e a Fundação Joaquim Nabuco, em homenagem ao centenário de nascimento do sociólogo Gilberto Freyre, relançaram a adaptação para os quadrinhos da conhecida obra de 1938.



Casa Grande e Senzala em quadrinhos se propunha originalmente a traduzir através de uma linguagem mais acessível ao público infanto-juvenil as idéias que nortearam a obra Freyriana na qual é sintetiza o mito da democracia racial.

A adaptação em quadrinhos da obra de Gilberto Freyre traduz, em imagens de uma conotatividade postulenta, aquilo que a obra original deixa a cargo do leitor imaginar em seus mais “terríveis pesadelos”: índias e negras nuas, oferecendo a opulência de seus dotes físicos a portugueses devidamente vestidos, absolvidos de toda a culpa por ceder às tentações; crianças negras - sempre referidas no livro como "moleques" ou "crias", ao contrario das crianças brancas (a “criança brasileira” por excelencia , que merecem o tratamento de "meninos" - sendo montadas como se fosse cavalo por crianças brancas, ao lado do texto que louva "a participação do escravo na vida sexual e de família do brasileiro". Tal participação é mostrada, no livro, de forma a acentuar o papel utilitário da população negra, como quando identifica a mulher "negra ou mulata" como "o grande atoleiro da carne", a terceira "vítima" na linha de sucessão dos "vícios nos quais escorregava a meninice dos ioiôs", logo depois dos moleques (leia-se crianças negras) e dos animais domésticos.

A reedição quadrinizada da do livro tem o objetivo explícito de "difundir a obra de Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala, junto ao público infantil e adolescente, em formato de arte seqüencial, possibilitando o conhecimento da origem do caráter nacional (SIC), formado pela tríade branco, negro, índio”. Com este objetivo, a Fundação Gilberto Freyre celebrou convênios com o Ministério da Cultura (Convênio SIAFI nº 588641, destinado a apoiar o projeto "Casa Grande e Senzala em Quadrinhos, no valor de R\$ 300.000,00, valor integralmente liberado em 29 de dezembro de 2006); com o Governo do Estado de Pernambuco (que investira R\$ 100.000,00 na produção de 40 mil exemplares do livro, destinados aos alunos da rede pública); e com a Prefeitura do Recife que, desde 2001, realiza oficinas de iniciação à leitura para alunos da rede municipal, tendo por base o Casa Grande e Senzala em Quadrinhos.

O caráter revisionista da obra se evidencia através da abordagem justificadora e romantizada da escravização de indígenas e africanos, naturalmente inferiorizados em relação aos portugueses; na minimização dos crimes bárbaros cometidos contra a pessoa humana, tais como a tortura e o estupro e, sobretudo, na absoluta atitude de negligenciar fatos como a resistência à escravização.

Sobre o livro “Casa Grande e Senzala em Quadrinhos”, os efeitos danosos de sua publicação são ampliados pelo fato do livro ter sido adotado em programa de iniciação à leitura nas escolas públicas estaduais e municipais do estado pernambucano. Foi exatamente por reconhecer na escola um espaço privilegiado de constituição da identidade e cidadania e por identificar neste espaço a reprodução de práticas racistas,

que o Estado Brasileiro elegeu a educação como campo prioritário para ações de combate ao racismo. No entanto, apesar das boas intenções, as iniciativas governamentais neste sentido - desde os Grupos de Trabalho implementados no Governo FHC à Lei 10.639/2003, ainda carente de implementação efetiva - esbarram no colossal despreparo dos professores em lidar com a questão racial, na falta de livros adequados, na falta de recursos. Neste quadro, as situações representadas no Casa Grande e Senzala em Quadrinhos são particularmente desastrosas, pois reforçam graves estereótipos racistas sem qualquer atenuante, causando danos gravíssimos às identidades em construção.

Como explicar ao enorme contingente de alunos negros (maioria dos que freqüentam a escola pública) que o livro não é o retrato da realidade? Como ensiná-los a se defender dos seus colegas "brancos" que, sem nenhuma dúvida, vão querer repetir a imagem ensinada pelo livro como "brincadeira entre companheiros", fazendo-os de montaria? Como impedir que as meninas negras incorporem na construção de sua personalidade a função descrita no livro: a de objeto sexual, de reprodutora, de ama de leite, de trabalhadora sujeita à atos de violência? Como impedir que as crianças brancas incorporem, por sua vez, a idéia de superioridade e estratificação racial e de gênero que o livro em quadrinhos explicita e ilustra em diversas ocasiões? Onde recuperar e reconstruir as imagens que o livro não traz: a resistência à escravidão, as rebeliões, a participação dos negros na política, na medicina, na literatura, na formação cultural?

Ao financiar a publicação do livro com dinheiro público e adotá-lo nas escolas públicas, o poder público federal, estadual e municipal assume o paradoxal e contraditório papel de, em nome da promoção da igualdade, disseminar idéias racistas e perpetuar estigmas inferiorizantes, depreciativos e revisionistas em relação à população negra e indígena.

As Ilustrações:



1º Ilustração:

O menino agride violentamente a escrava na cabeça com um forte golpe, utilizando-se de uma enorme colher de pau, sem que a mesma demonstre qualquer reação. A cena exprime a violência ocorrida no interior da Casa grande. A leitura da ilustração leva-nos a refletir sobre o trabalho domestico realizado por inúmeras mulheres negras nos dias de hoje.



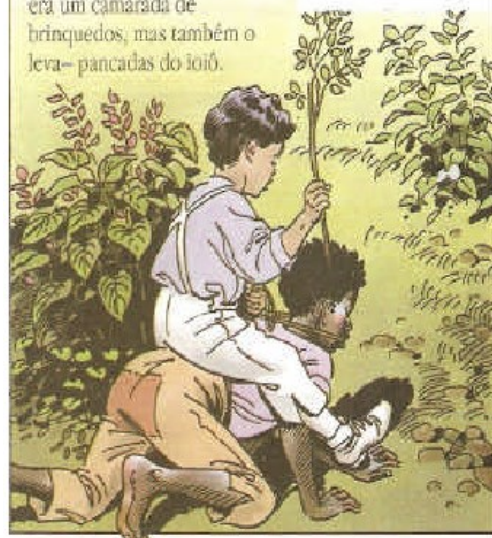
2º Ilustração:

Através do contexto iconográfico, é expressa a figura de uma negra, escrava, que demonstrando uma imensa tranqüilidade, de modo sublime e tez terna, amamenta uma criança branca, com ares de satisfação e até certa felicidade. Quando muitas vezes os seus próprios filhos eram vendidos ou simplesmente separados do seu convívio, filhos esse em grande parte frutos de repetidos e violentos atos de abuso sexual.

3º Ilustração:

Nessa gravura o “moleque” negro encontra-se sendo açoitado como um animal, com os joelhos nus sobre as pedras, servindo de montaria tal qual um animal, visando unicamente satisfazer os caprichos do ioiô, tendo em suas costas a “criança brasileira” como afirma e reforça o texto escrito

Logo que a criança brasileira começava a andar, os pais davam-lhe por companheiro um molequinho. Isso sobretudo nas casas-grandes. O molequinho era um camarada de brinquedos, mas também o leva-pancadas do ioiô.



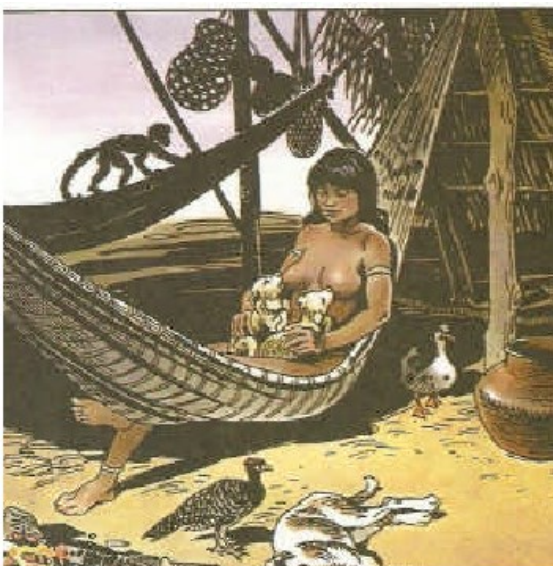
4º Ilustração:

Entrecortada por uma dinâmica seqüência de imagens, a mulher negra é representada como a única responsável pela violência física e sexual da qual é vitimada, pois, seria em seus corpos que a sádica e doentia volúpia dos brancos se personificaria, traduzindo o “imprevisível” caminho de iniciação sexual dos ioiôs e dos senhores, que também se dava através do coito com animais domésticos de pequeno e médio porte, e até mesmo com os próprios “moleques” e “negrinhas”.



Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita idolescência insaciável. Fala-nos um cronista anônimo (1817) da “grande lubricidade” dos negros de engenho; mas adverte-nos que estimulada pelos “senhores ávidos de aumentar seus rebanhos”.

Na realidade, nem o branco nem o negro agiam por si, muito menos como raça, ou sob a ação do clima, nas relações de sexo e de classe. Expressiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos.



5º Ilustração:

Nessa gravura, o caráter revisionista é evidenciado de modo extremamente pejorativo, deixando de lado toda e qualquer linguagem eufemística no que diz respeito a depreciação silvícola no contexto ilustrativo.

Na imagem o cotidiano da etnia ameríndia é representado de forma enormemente preconceituosa, onde a índia amamente dois filhotes caninos órfãos, ao passo de que um urubu aguarda pacientemente o findar dos últimos suspiros da moribunda cadela para tomá-la como refeição.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana. Brasília, 2004
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. 1966.
- GOMES, Nilma Lino. A mulher negra que vi de perto. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1985.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Racismo e Anti-Racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34, 1999
- NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. As Belas Mentiras. São Paulo: Moraes, 1978.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- SEGATO, Rita. Raça é signo. In AMARAL, Aécio Jr e BURITTY, Josenildo. Inclusão pós-estruturalistas de análise social. São Paulo: Anna Blume, 2006
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil; identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala em quadrinhos. Da obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Abe Graph Editora, 2001.
- WOORWARD, kathryn; HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MANGUEL, Alberto. Uma história da Leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- BRANDÃO, Ana Lúcia Oliveira. A trajetória da ilustração do livro infantil no Brasil à luz da sombra da semiótica discursiva. São Paulo: PUC, 2002
- LINS, Guto. Livro infantil? Projeto gráfico, Metodologia, subjetividade. São Paulo: Rosari, 2002.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil – Teoria e prática. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CADEMARTORI, Marisa. Ilustração, um estudo introdutório, 1997.
Disponível em <<<http://docdeletra.com.br>>> Acesso em 20 abr 2008.
- FANON, Franz. Peles Negras, Máscaras brancas. Porto: porto Edições, sd.
- BENJAMIM, Walter. A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984
<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=28916>
Acesso em: 27/07/08